

AQUI, SEMPRE LÁ

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CASQUILHOS

Maria Santos, 12ºD, nº17
Professora Helena Pereira

Oiço o sino da Igreja. Vinte e uma horas. Estou em casa. Onde nasci. Na casa que, antes, foi dos meus pais, e antes deles, dos meus avós. Consigo ver a torre da igreja. Chove. O sino soa uma, e soará outra e outra vez, até que todos saibam que são vinte e uma horas.

Nasci no Barreiro e chamo-me António. O meu pai nasceu no Barreiro e chamava-se António. Sei que o meu avô, também António, nasceu no Alentejo. Morreu no Barreiro, como os meus pais. O meu nome é uma homenagem. Uma herança. Como o do meu pai já era antes de mim. Temos nomes de mortos que mal conhecemos.

Parti há quinze anos. Nunca voltei. Ainda que hoje esteja aqui. Na mesma janela donde se vê a torre da Igreja da Nossa Senhora do Rosário. Tudo mudou, o mundo não é o mesmo, a política não é a mesma, o trabalho não é o mesmo, eu não sou o mesmo. Só a torre da Igreja, que vejo da janela à minha frente, é exatamente a mesma. Penso que isso me conforta. Milhares de pessoas podem morrer, as coisas mais horríveis podem acontecer e, no entanto, a vida continua, tem de continuar, da mesma forma que, daqui a trinta minutos, as badaladas soarão tal qual como soaram trinta minutos antes.

A minha mulher chama-se Maria. Quando crianças, morava na casa em frente da minha. Na casa que, antes, foi dos seus pais, e antes deles, dos seus avós. Pergunta-me se estou bem, se preciso de falar sobre o que aconteceu. Fica preocupada quando olho demasiado tempo pela janela.

- Estou a ver a chuva. Porque não haveria de estar bem? Nada me aconteceu. Tudo o que me aconteceu, aconteceu aos outros também e todos estão bem. Para além disso, foi tudo há muito tempo, já não me lembro de nada. Há onze anos que voltei!

(Nunca lhe disse que não voltei. Que fiquei lá. Que não sei se alguma vez vou voltar.)

- Desculpa-me, achei que pudesses querer falar. Sabes que eu não te julgaria, eu só gostava de perceber o que é que aconteceu lá, na Guiné. O meu tio quando voltou de Angola vinha sem um pé e chorava durante semanas...

- Pois. Acontece. Não deve ter sido mais que um acidente. A mim, a nós, nada aconteceu. Nunca fizemos mal a ninguém. Mal tivemos contacto com eles. Vai-te deitar. É tarde.

Pedi-a em namoro quando tínhamos 12 anos. Estudávamos na Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva, ela na turma das raparigas e eu na dos rapazes. Às vezes, eu e os meus amigos, ficávamos até mais tarde no portão da escola para as ver passar e eu sorria-lhe e ela sorria-me de volta. Pedi-a em casamento um mês antes de partir. Já sabia que teria de ir. Não sabia que nunca ia voltar. Aconselharam-me a pedir naquele momento. De outro modo, quando voltasse, ela já me teria esquecido.

Perguntam-me se estou bem. Respondo invariavelmente que sim. Nunca hesito. O Jorge esteve comigo na Guiné. Encontrei-o hoje e ele perguntou-me se eu estava bem. Sim! Assim. Sem hesitar. Ele faz parte de uma associação. Deficientes das Forças Armadas. Disse-me que o escutam, que sabem pelo que passou, que, pela primeira vez, é visto tal qual como é. Se eu queria ir um destes dias? Não. Não sou deficiente nenhum. Não preciso de ser ouvido por nenhum especialista. Mal me lembro do que aconteceu. O que eu precisava, mas não lhe disse, era de voltar. Era de sair da selva. Era de deixar de ter o corpo encharcado da humidade do mato. Era de chegar a casa.

Eu não fiz nada de errado! Defendi a minha pátria. Cumpri o meu dever. Vivo em paz com tudo o que fiz. Eu estou bem! Não morri como outros, não fiquei sem pernas, não fiquei sem braços, não segurei nas tripas no meio de um país cheio de bicharada.

(Mas fiquei lá. Fiquei lá mais do que os que morreram. Fiquei lá mais do que os braços e pernas e tripas que também lá ficaram. É lá que estou todas as noites. E quando chove. E quando o sino soa.)

Atraquei em Alcântara em janeiro de 1968. Estou na minha cama. 24 de abril de 1979. Porque é que não haveria de estar bem?

Gostava de dormir. Mas assim que fecho os olhos soam dez badaladas. Vinte e duas horas. As mesmas dez badaladas que ouvi naquela manhã de abril de 1961 quando as vi pela primeira vez. Dez badaladas na Igreja de São Domingos a soarem para sempre.

- Pai, são dez da manhã.

- Anda, já se faz tarde.

À esquerda, uma multidão. Mulheres a chorar e que desviavam o olhar, homens que abanavam a cabeça e partilhavam comentários enraivecidos:

- Isto é tudo culpa dos pretos, não percebem a sorte que têm em serem portugueses.

E elas lá estavam. As crianças esventradas, as mulheres violadas, os homens com o corpo num lado e a cabeça noutro. A civilização desfeita a golpes de catana. Enchi-me de medo. E de raiva. Tinha de proteger a minha casa, a minha família. Tinha de cumprir o meu papel.

Já não estou no Palácio Foz. Já não oiço as mulheres a chorar. Já estou em casa. O meu pai fuma na sala ao meu lado. Na rádio, Salazar anuncia "Para Angola rapidamente e em força".

Levanto-me. De novo à janela. E lá está a Igreja. E o rio. Está tudo como devia estar. Claro que estou bem.

Consigo ouvir a água. Bate contra a muralha. Bate e volta para trás, bate e volta para trás, bate e volta para trás.

Sinto no rio o cheiro do oceano. Às vezes, olho pela janela e só vejo quilómetros e quilómetros de mar. O navio bate contra a água como a chuva bate contra a janela. Oiço um homem alto que fala da guerrilha. Dos pretos no meio da noite. No meio do mato. O Jorge está a meu lado:

- Já percebemos que aquilo é a selva e que eles conhecem a selva, mas eu conheço a minha espingarda, conheço os tanques que conduzi em Santarém e nenhum preto quer desafiar um tanque! Isso garanto-te.

- Como achas que é a Guiné?

- Como Setúbal! Sei lá. Uma terra que encheram de selvagens. Que encheram de animais que matam tudo o que apanham pela frente. Sei que é Portugal e sei que é preciso meter aquilo na ordem.

- Estás preparado?

- Preparado?

- Para lutar contra esses animais.

- Deus está comigo. Não vou fazer nada senão o meu dever enquanto português. Para além disso eles merecem. Não viste as fotografias?

- Vi. Tens razão.

Estavam em todo o lado. Nos postos em que parávamos. Às refeições. Entre cervejas. Os corpos esventrados, as crianças mortas, as mulheres violadas estavam sempre lá. Para nos encorajar. Para nos irem deixando lá aos poucos.

O Jorge era um entusiasta das fotografias. Quando queria ficar zangado bastava-lhe pensar nas fotografias e era como se tudo aquilo lhe tivesse acontecido a ele.

Quando cheguei à Guiné, o corpo doía-me. A Guiné não era Portugal. Só vejo selva, árvores enormes e uma terra vermelha como nunca tinha visto antes. Vermelha como sangue. Oh Jorge foi isto que te contaram? Alguém sussurra, quase inaudível:

- Foi isto que fizemos nestes anos todos de colonização?

Fomos à Guiné para morrer. E cumprimos. Atacaram-nos na segunda noite. As pernas a tremer. As mãos a suar. Nem conseguia segurar na arma. Tantos tiros. Por todo o lado. Não via nada. Escondi-me. Os negros do outro lado. A morrerem como se não tivessem nada a temer. A morrerem como se fossem viver para sempre.

Quando aquilo acabou o Jorge disse-me:

- Então, quantos mataste?

- Nem vi bem... Alguns.

- Não esperava que fossem tantos e que dessem tanta luta

- Jorge...

- Sim?

- Quem é que nos convenceu de que podíamos ganhar a Guerra?

- Nunca digas isso, António. É em nome da pátria.

A Pátria. A pátria do meu pai antes de mim e do seu pai antes dele. Naquele momento, a pátria dizia-me muito pouco. Aquela noite é a noite de hoje. Em que não durmo. Em que morro ao lado dos que morrem. Não mato. Em que me escondo.

Mais tiros. Estou ofegante. Suo. Tremo. Choro. Estou lá. Continuo lá. A ver chover. Fecho-me na casa de banho.

Fui para a Guiné para salvar a pátria e sou eu quem precisa de ser salvo. A minha pátria não estava ali. Sou eu quem agora lá está. Sempre. Quando é noite. Quando o sino soa. Quando chove. Estou lá com os que matei e com os que vi morrer. Estou com brancos, pretos, homens, mulheres, crianças, bebés. Estou no meio do sangue. Deitado no chão vermelho. Escondido das badaladas que me apontam a cada meia hora. E quase me matam. Agachado enquanto defendo uma pátria que não sei onde está.

Estou sempre lá. Estou na Guiné. Setembro de 1964.

Amanhã é 25 de abril. Há cinco anos, a Revolução deu-nos tudo. Sem sangue. Só não me trouxe de volta. Fiquei para sempre na Guiné. Onde já não era Portugal. De um dia para o outro já não era Portugal. Já não havia nada a defender. A pátria já não estava ali. A pátria tinha estado ali? E eu? Defendi? Agredi? Só cumpri o meu dever! Só cumpri o meu dever? Estou escondido na casa de banho. Choro na noite da selva. Enquanto a chuva bate na amurada da minha janela.

Amanhã vou andar na rua e ver um homem que em tempos esteve na Guiné, em Angola, em Moçambique. Que vai perguntar-me como estou. Vou dizer-lhe que está tudo bem. Assim. Sem hesitar. E porque não havia de estar bem? Não aconteceu nada. Não nos aconteceu nada. Já nem nos lembramos. Não fizemos mal a ninguém. Eu vou perguntar-lhe como está. E ele responderá que está bem. Que estamos bem. Os dois em África. Ainda que aqui. Sempre lá.

(Este conto deve muito ao conjunto de pessoas que entrevistei para a realização do meu trabalho de pesquisa para a disciplina de história. A todas elas, uma vez mais, obrigada)

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos de Matos – *Guerra Colonial – Angola, Guiné, Moçambique*, Diário de Notícias

AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos de Matos – *Guerra Colonial*, Porto Editora, Maia, abril de 2020, ISBN 978-972-0-03320-8

AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos de Matos – *Os Anos da Guerra Colonial – 1961.1975*, QuidNovi, novembro de 2010, ISBN 978-989-628-213-4

AGOSTINHO, Feliciano Paulo – *Guerra em Angola, As Heranças da Luta de Libertação e a Guerra Civil*, Trabalho de investigação no mestrado em Ciências Militares, especialidade de Cavalaria, Lisboa, setembro de 2011, disponível em: <file:///C:/Users/mario/OneDrive/Ambiente%20de%20Trabalho/GUERRA%20COLONIAL/Guerra%20em%20Angola.pdf>

ANDRINGA, Diana – *Angola Oito Anos de Luta*, disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/o-4-de-fevereiro-de-1961-e-guerra-colonial-em-angola/72191>

ANTUNES, José Freire – *A Guerra de África: 1961-1974*, Temas e Debates, outubro de 1996, ISBN 972-759-038-1

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/o-assalto-ao-santa-maria/>

BARRETO, Vítor – *Guerra Colonial na Guiné*, RTP, 6 de dezembro de 2004, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/guerra-colonial-na-guine-parte-i/>

BARRETO, Vítor – *O Impacto da Guerra Colonial (Parte I)*, RTP, 11 de abril de 2005, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-impacto-da-guerra-colonial-parte-i/>

BARRETO, Vítor – *O Impacto da Guerra Colonial (Parte II)*, RTP, 11 de abril de 2005, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-impacto-da-guerra-colonial-parte-ii/>

BARRETO, Vítor – *Quotidiano Colonial II*, RTP, 12 de março de 2007, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/quotidiano-colonial-ii/>

COELHO, Virgílio – *A Classificação Etnográfica dos Povos de Angola*, Edições Pedagogo, 1 de maio de 2015, disponível em: <https://journals.openedition.org/mulemba/473>

CRUZ, Sandra Inês – *Os Filhos da Guerra Colonial*, RTP arquivos, 6 de junho de 2009, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/os-filhos-da-guerra-colonial/>

CUNHA, Anabela - *“Processo dos 50”: memórias da luta clandestina pela independência de Angola*, disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/543>

Dia de Camões, de Portugal e da Raça em Lisboa, RTP, 13 de junho de 1971, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dia-de-camoes-de-portugal-e-da-raca-em-lisboa/>

Embaixada da República de Angola no Japão, disponível em: <https://www.angola.or.jp/pt/angola-pt/>

ESQUERDA – *15 de Março de 1961: A UPA e a Revolta no Norte de Angola*, Esquerda, 15 de março de 2021, disponível em: <https://www.esquerda.net/en/artigo/15-de-marco-de-1961-upa-e-revolta-no-norte-de-angola/72134>

FERNANDES, José Alves – *Guerra Colonial, Os Portugueses do Outro Lado*, RTP, 10 de fevereiro de 2007, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/guerra-colonial-os-portugueses-do-outro-lado/>

FERREIRA, Daniela Soares – *Angola, 15 de Março de 1961. UPA Massacra Brancos e Negros*, Jornal I, 15 de março de 2016, disponível em: <https://online.sapo.pt/artigo/500588/angola-15-de-marco-de-1961-upa-massacra-brancos-e-negros?seccao=Mundo> i

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro – *Entre Raças, Tribos e Nações: Os Intelectuais do Centro de Estudos Angolanos, 1960 - 1980*, Tese de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, dezembro de 2012, disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/17799/1/FBFigueiredo.pdf>

FURTADO, Joaquim – *A Guerra* (série documental), RTP, 2010, disponível em: <https://www.youtube.com/@hugocosta2772/videos>

Guerra Colonial em Angola, RTP arquivos, 15 de março de 1964, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/guerra-colonial-em-angola/>

Guerra Colonial em Angola, RTP arquivos, 19 de junho de 1975, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/guerra-colonial-em-angola-2/>

Guerra Colonial em Angola, RTP, 15 de março de 1964, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/guerra-colonial-em-angola/>

Guerra Colonial em Angola, RTP, 19 de junho de 1975, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/guerra-colonial-em-angola-2/>

GUERRA, João Paulo – *Memórias das Guerras Coloniais*, Edições Afrontamento, 1994, ISBN 972-36-0317-9

Homenagem aos Soldados Mortos na Guerra Colonial, Noticiário Nacional, 15 de abril de 1974, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/homenagem-aos-soldados-mortos-na-guerra-colonial/>

Igreja Lusitana Católica Debate a Guerra Colonial, Noticiário Nacional, 26 de maio de 1974, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/igreja-lusitana-catolica-debate-a-guerra-colonial/>

LOZA, Luís Alfredo Marquez – *O Estado Português e a União dos Povos de Angola (1960 – 1965). Discursos Políticos em Tempos de Descolonização*, Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 9 de outubro de 2019, disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/93346?locale=pt>

LUSA - *Trabalho Forçado nas Colónias Portuguesas “Bastante Disseminado” até aos Anos 60*, Público, 9 de janeiro de 2019, disponível em: <https://www.publico.pt/2019/01/09/sociedade/noticia/trabalho-forcado-colonias-portuguesas-bastante-disseminado-ate-anos-60-1857244>

Manifestação pelo Fim da Guerra Colonial, Noticiário Nacional, 31 de julho de 1974, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/manifestacao-pelo-fim-da-guerra-colonial/>

MARINHO, António Luís – *Angola, 15 de Março de 1961: O Mistério do Telegrama Desaparecido*, Sábado, 14 de março de 2021, disponível em: <https://www.sabado.pt/investigacao/guerra-colonial/detalhe/angola-15-de-marco-de-1961-o-misterio-do-telegrama-desaparecido>

MARTINS, Fernando – *Angola, 1961: Como os Independentistas Prepararam a Guerra*, Observador, 23 de agosto de 2014, disponível em: <https://observador.pt/especiais/angola-1961-como-os-independentistas-prepararam-guerra/>

MATEUS, Dalila Cabrita – *Memórias do Colonialismo e da Guerra*, ASA, novembro de 2006, ISBN 972-41-4879-3

MATEUS, Dalila Cabrita e MATEUS, Álvaro – *Angola 61 – Guerra Colonial: Causas e Consequências*, Texto editora, março de 2011, ISBN 978-972-47-4280-9

MELO, João de (org.) – *Os Anos da Guerra – 1961 – 1975: Os Portugueses em África, Crónica, Ficção e História (vol. I)*, Círculo de Leitores, abril de 1988

MELO, João de (org.) – *Os Anos da Guerra – 1961 – 1975: Os Portugueses em África, Crónica, Ficção e História (vol. II)*, Círculo de Leitores, abril de 1988

Memórias de Guerra, RTP, 8 de junho de 2021, disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p8972/memorias-da-guerra>

NETO, Maria da Conceição – *Março de 1961 – O Início da Guerra no Norte de Angola*, Público, 22 de julho de 2021, disponível em: <https://www.publico.pt/2021/07/22/politica/ensaio/marco-1961-inicio-guerra-norte-angola-1971216>

PAÇO, António Simões do – *Os Anos de Salazar: O Que Se Contava e o Que Se Ocultava Durante o Estado Novo – O Ano de Todos os Perigos*, 1961, Planeta DeAgostini, 2008, ISBN 978-989-609-810-0

PÁDUA, Mário Moutinho – *Angola. Os Anos Dourados do Colonialismo. A Insurreição*, Página a Página, agosto de 2014, ISBN 978-972-8140-11-3

PÁDUA, Mário Moutinho – *No Percurso de Guerras Coloniais*, Editorial Avante!, agosto de 2011, ISBN 978-972-550-396-6

PONTES, Joana – *Sinais de Vida. Cartas de Guerra, 1961-1974*, Tinta da China, novembro de 2019, ISBN 978-989-671-522-9

PONTES, Joana – *Visões do Império*, Vende-se Filmes, 2021, DVD vídeo (93 minutos): cor

Pré-inauguração de exposição sobre o Ultramar no Porto, RTP, 10 de junho de 1971, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/pre-inauguracao-de-exposicao-sobre-o-ultramar-no-porto/>

RAMOS, Afonso Dias – *Angola 1961, o Horror das Imagens*, 27 de novembro de 2014, disponível em: <file:///C:/Users/mario/OneDrive/Ambiente%20de%20Trabalho/GUERRA%20COLONIAL/23-Afonso Ramos-with-cover-page-v2.pdf>

RODRIGUES, Ana Luísa – *Memórias de Guerra*, RTP, abril de 2021, disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p8972/memorias-da-guerra>

SILVA, João – *Guerra Colonial – As Mulheres que Esperam*, RTP arquivos, 25 de novembro de 1999, disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/guerra-colonial-mulheres-que-esperam/>

SOARES, Isaías - *Sobreviventes do Massacre da Baixa do Cassanje querem Reconhecimento*, VOA, 3 de janeiro de 2019, disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/sobreviventes-do-massacre-da-baixa-do-cassanje-querem-reconhecimento/4727488.html>

VICENTE, Filipa Lowndes (org.) – *O Império da Visão, Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1960)*, Edições 70, novembro de 2014, ISBN 978-972-44-811-7

VIEIRA, Joaquim – *Portugal Século XX – Crónica em Imagens 1960 – 1970*, Círculo de Leitores, junho de 2000, ISBN 972-42-2280-2

A toda esta bibliografia adiciono ainda as entrevistas por mim realizadas ao Coronel Aniceto Afonso, à Joana Pontes, à Diana Andringa, ao José Amaral e ao Tenente-

Coronel Rui Amaro Batista.